

FICHA TÉCNICA

Título original: *Missing You*

Autor: *Harlan Coben*

Copyright © 2014 by Harlan Coben

Edição portuguesa publicada por acordo com Casanovas & Lynch Agencia Literaria S.L.

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2016

Tradução: *Maria José Figueiredo*

Revisão: *Maria João Carmona/Editorial Presença*

Imagem da capa: © *Stephen Mulcahey/Arcangel Images*

Capa: *Sofia Ramos/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, maio, 2016

Depósito legal n.º 408 243/16

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Kat Donovan fez rodar a banqueta onde o pai costumava sentar-se e ia pôr o pé no chão, pronta para se ir embora do O'Malley's, quando Stacy lhe disse:

— Não vais gostar de saber o que fiz.

O tom em que a declaração foi feita obrigou-a a parar de pé ainda no ar.

— O que foi? — perguntou.

Noutros tempos, o O'Malley's era um bar de polícias à moda antiga, que já o avô de Kat frequentara, e depois o pai e os colegas do Departamento de Polícia de Nova Iorque. Ultimamente, porém, transformara-se num bar de jovens executivos bem remunerados, com ar de quem acaba de sair da universidade e já traz o rei na barriga, pose superior, camisas brancas impecavelmente engomadas a acompanhar fatos pretos, e barba de dois dias cuidadosamente aparada à mão, para dar a impressão de não ser aparada. Eram jovens macios, que sorriam muito e com ar afetado, usavam tanto gel no cabelo que parecia que tinham uma touca, e pediam *Ketel One* em vez de *Grey Goose*, porque tinham visto um anúncio na televisão em que se dizia que o *Ketel One* era o vodca dos homens a sério.

Stacy começou a olhar para todos os lados menos para ela, coisa que não agradou nada a Kat.

— O que foi que tu fizeste? — perguntou.

— Ena pá! — exclamou Stacy.

— O quê?

— Um cara-de-murro à tua direita.

Kat fez rodar a banqueta para a direita.

— Estás a vê-lo? — perguntou Stacy.

— Estou, pois.

Em termos decorativos, o O'Malley's não tinha mudado muito com a passagem do tempo. Naturalmente que as televisões antigas tinham

sido substituídas por uma série de ecrãs planos que exibiam constantemente uma variedade absurda de jogos — o que interessava saber em que lugar estavam as equipas de província? —, mas à parte isso o O'Malley's mantinha o ambiente de bar de polícias, e era precisamente por isso que os executivos bem remunerados o apreciavam: por aquela falsa autenticidade que tinha tomado o lugar do burburinho original, transformando-o numa espécie de versão Disney Epcot do bar de outros tempos.

Kat era a única polícia que ainda o frequentava; os colegas voltavam para casa depois do turno, a não ser que fosse dia de reunião dos Alcoólicos Anónimos. Kat, pelo contrário, ia até lá e tentava sentar-se discretamente na banquetta que fora a do pai, na companhia dos seus fantasmas, em especial naquele dia, em que o homicídio do pai voltara a atormentá-la. A única coisa que ela queria era deixar-se ali estar, a sentir a presença do pai, à procura de forças nessa presença — por mais pegas que uma tal atitude parecesse.

Mas aqueles idiotas não a deixavam em paz.

E o cara-de-murro — que era como elas chamavam aos sujeitos a quem dava mesmo vontade de dar um murro na cara —, em especial, tinha cometido o pecado típico: entrara de óculos escuros; às onze da noite; num bar com pouca luz. Outras características dos caras-de-murro eram ter a carteira presa por uma corrente, usar lenço de licra na cabeça com as pontas caídas para trás, andar de camisa de seda e peito à mostra, exibir uma série de tatuagens (os que exibiam símbolos tribais pertenciam a uma categoria específica), andar com placas de identificação militar quando nem sequer tinham ido à tropa, e usar gigantescos relógios de pulso brancos.

O tipo dos óculos escuros sorriu e ergueu o copo na direção de Kat e Stacy.

— Ele gosta de nós — comentou Stacy.

— Para de enrolar. De que é que eu não vou gostar?

Stacy voltou-se novamente para ela, e Kat entendeu ao longe a expressão de desilusão do cara-de-murro numa face suavizada com uma loção caríssima. Não era a primeira vez que Kat via aquela expressão. Os homens gostavam de Stacy. Ou melhor, Stacy era uma miúda gira de morrer, tão gira e tão sensual que fazia derreter tudo à volta. Na sua presença, os homens ficavam com os joelhos a tremer e tornavam-se estúpidos. Principalmente estúpidos; muito, muito estúpidos.

Por isso, era provavelmente um grande erro sair com uma pessoa como Stacy — era frequente os homens concluir que não tinham hipótese nenhuma com uma mulher assim, que lhes parecia inalcançável.

O mesmo não se podia dizer de Kat.

O homem dos óculos escuros fixou-se em Kat e começou a avançar. Mais do que andar, podia-se dizer que o sujeito deslizava em lodo.

Stacy conteve uma pequena gargalhada.

— Isto vai ser bonito.

Na esperança de o deter, Kat lançou-lhe um olhar cerrado, acompanhado por um sobrolho franzido de desdém. Mas nada detinha aqueles óculos escuros, que se foram aproximando com passinhos de dança, ao som de uma música que só tocava dentro da cabeça do sujeito.

— Olá miúda — cumprimentou. — Por acaso chamas-te Wi-Fi? Kat não respondeu.

— É que eu estou aqui a sentir uma ligação.

Stacy soltou uma gargalhada.

Kat limitou-se a olhar para ele.

— Vocês são uns belos borrachinhos, sabiam? — prosseguiu. — Mesmo uns amores. Sabes o que é que me encaixava mesmo bem? Tu.

— Essa conversa funciona com alguém? — perguntou-lhe Kat.

— Ainda não acabei. — O homem dos óculos escuros tapou a boca com o punho fechado e tossiu ao de leve; depois tirou o *iPhone* do bolso e mostrou-o a Kat. — Miúda, parabéns, acabas de passar para o primeiro lugar da minha lista de atividades.

Stacy estava a adorar a conversa.

— Como é que te chamas? — perguntou Kat.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Como tu quiseres, miúda.

— Então, que tal Cara-de-Merda? — respondeu Kat, abrindo o casaco e dando a ver a arma que tinha no cinturão. — Vou pegar na minha pistola, Cara-de-Merda.

— Bolas, mulher, agora és o meu chefe? — replicou ele, apontando para a virilha. — É que acabas de o pôr de pé.

— Desaparece.

— O meu amor por ti é como a diarreia — retorquiu o homem dos óculos escuros. — Não para de correr.

Kat ficou a olhar para ele, horrorizada.

— Fui longe de mais? — perguntou o sujeito.

— Eh pá, que nojo de coisa!

— Pode ser, mas aposto que nunca tinhas ouvido uma assim.
E ganhava a aposta.
— Põe-te a andar. Já.
— A sério?
Stacy quase tinha caído da banqueteta, de tanto rir.
O homem fez menção de dar meia-volta e depois parou.
— Espera aí, isto é algum teste? Isso do Cara-de-Merda não será um elogio?
— Desaparece.
Ele encolheu os ombros, deu meia-volta, olhou para Stacy, pensou «porque não?» e, olhando-a de alto a baixo, comentou:
— A palavra de ordem de hoje é «pernas». Vamos para tua casa dizer a toda a gente.
Stacy continuava a adorar a cena.
— Queres possuir-me, Cara-de-Merda? Aqui mesmo, agora mesmo?
— A sério?
— Não.
O Cara-de-Merda voltou a olhar para Kat, que levou a mão à coroa da arma. Ele levantou os braços e afastou-se.
— Stacy — disse Kat.
— Hmm?
— Porque é que estes tipos acham que têm alguma hipótese comigo?
— Porque és gira e tens ar de ser animada.
— Não sou nada animada.
— Pois não, mas pareces.
— A sério, tenho assim tanto ar de que ninguém pega em mim?
— Tens um ar sofrido — respondeu Stacy. — Desculpa dizer-te, mas esse ar é uma coisa que sai de ti, tipo feromona, e estes idiotas não conseguem resistir.
Beberam ambas um gole dos respetivos copos.
— Então, de que é que eu não vou gostar? — perguntou Kat.
Stacy voltou a olhar para o Cara-de-Merda.
— Estou com pena dele. E se lhe desse um prémio de compensação?
— Não comeces.
— O que foi? — perguntou Stacy, traçando as longas pernas num gesto algo forçado e sorrindo ao sujeito, que correspondeu com uma expressão de cão que ficou tempo demais fechado dentro de um carro.
— Achas que esta saia é demasiado curta?
— Isso é uma saia? — replicou Kat. — Pensei que era um cinto.

Stacy gostou da resposta. Adorava ser o centro das atenções. Adorava engatar homens, porque achava que passar uma noite com ela lhes mudava a vida. Além disso, integrava essa atividade na profissão. Stacy tinha uma empresa de detetives, juntamente com duas colegas tão giras como ela cuja especialidade era apanhar (melhor dizendo, armadilhar) maridos infiéis.

— Stacy...

— Hmm?

— De que é que eu não vou gostar?

— Disto.

Sem deixar de provocar o Cara-de-Merda, Stacy estendeu-lhe um papelucho. Kat olhou para ele e franziu o sobrolho:

KD8115

MelhorSexoNaoHa

— O que é isto?

— KD8115 é o teu nome de utilizador.

Eram as iniciais do nome e o número do distintivo de Kat.

— «MelhorSexoNaoHa» é a palavra-passe. E atenção às maiúsculas.

— E isto é para ?

— Um *site*. YouAreJustMyType.com.

— O quê?

— É um *site* de encontros.

Kat fez uma careta.

— Diz-me que estás a gozar comigo.

— É de nível.

— Todos os donos de bares de *striptease* dizem o mesmo.

— Comprei-te uma assinatura — proseguiu Stacy. — É válida durante um ano.

— Estás a gozar comigo, não estás?

— Não estou nada. São meus clientes. E são bons. Vamos deixar-nos de brincadeiras. Tu precisas de um namorado. Tu queres um namorado. E não é aqui que vais encontrá-lo.

Kat soltou um suspiro e fez um sinal ao empregado, um sujeito chamado Pete que parecia um daqueles atores que representam sempre a mesma personagem, neste caso um empregado de bar irlandês — que, aliás, era precisamente o que ele era. Pete fez-lhe um sinal de cabeça, indicando que tinha anotado as bebidas na conta de Kat.

— Quem sabe? — insistiu Stacy. — Até pode ser que encontres o homem da tua vida.

— Mas o mais provável é encontrar um Cara-de-Merda — rematou Kat, avançando para a porta.

Kat escreveu YouAreJustMyType.com, carregou na tecla de entrada e preencheu os espaços com o seu novo nome de utilizador e a palavra-passe capaz de envergonhar qualquer um que Stacy escolhera para ela. Depois franziu o sobrolho, ao ver a descrição que a amiga tinha feito dela:

Gira e animada!

— Esqueceste-te do *sofrida* — murmurou.

Passava da meia-noite, mas Kat não era pessoa para dormir muito. Vivia numa zona da cidade demasiado chique para o seu estilo — West 67th Street, à saída da zona oeste de Central Park, no Atelier. Cem anos antes, o prédio onde ela vivia e os prédios vizinhos, incluindo o famoso Hotel des Artistes, tinham albergado escritores, pintores, intelectuais, em suma, artistas. Os apartamentos — elegantes e espaçosos — davam para a rua, enquanto os estúdios dos artistas, que eram mais pequenos, ficavam nas traseiras. Com o passar do tempo, os antigos estúdios tinham sido gradualmente convertidos em T1. O pai de Kat, um polícia que vira os amigos enriquecer pelo simples facto de comprarem casas e apartamentos, tentou meter-se nessa atividade; e um sujeito a quem ele tinha salvado a vida vendera-lhe aquele apartamento por um preço muito acessível.

Kat começara por viver nele quando andava a estudar na Columbia University, pagando as propinas com uma bolsa atribuída pelo Departamento de Polícia de Nova Iorque. O plano inicial era terminar Direito e ir trabalhar para um importante escritório de advogados de Nova Iorque, pondo fim à maldição familiar das carreiras policiais.

Infelizmente, as coisas não tinham corrido assim.

Tinha um copo de vinho tinto ao lado do teclado do computador. Kat bebia demais. Sabia perfeitamente que se tratava de um *cliché* — o do polícia que bebe demais —, mas a verdade é que por vezes os *clichés* têm a sua razão de ser. Ela funcionava bem, não bebia enquanto estava de serviço, e o álcool não tinha nenhum efeito negativo na sua vida; no entanto, se tivesse de fazer um telefonema ou de tomar uma

decisão com a noite já bem entrada, o resultado traduzia quase sempre, digamos assim, um certo desleixo. Por isso, com o passar dos anos, tinha aprendido a desligar o telefone e a não fazer contactos eletrónicos a partir das dez da noite.

E contudo ali estava ela, já bem entrada a noite, a ver os perfis de uma série de sujeitos no tal *site* de encontros.

Stacy tinha carregado quatro fotografias de Kat na sua página. A principal, só da cara, tinha sido recortada de um grupo de damas de honor no casamento de uma amiga no ano anterior. Kat esforçou-se por se ver com objetividade, mas não conseguiu; detestava aquela fotografia. A mulher que ela retratava tinha um ar inseguro, um sorriso impreciso, quase como se estivesse à espera de ser esbofeteada, ou coisa assim. Todas as fotografias — apercebeu-se disso ao passar pelo doloroso ritual de as rever — tinham sido recortadas de imagens de grupo, e Kat estava sempre com um ar meio encolhido.

Pronto, já chegava de perfil.

No emprego, os únicos homens com quem contactava eram polícias. E ela não queria um polícia. Os polícias eram excelentes homens e péssimos maridos, como bem sabia por experiência pessoal. Quando a avó contraíra uma doença terminal, o avô, incapaz de aguentar a situação, pusera-se a andar e só voltara quando já era tarde demais. O avô nunca tinha conseguido perdoar a si próprio essa atitude; pelo menos era essa a teoria de Kat. Era um solitário e, embora fosse um herói para muita gente, tinha-se acobardado ao chegar a hora da verdade, e não conseguira viver com esse facto. O avô guardava o revólver do serviço na prateleira de cima do armário da cozinha, o sítio onde toda a vida o guardara; uma noite, estendeu o braço, pegou no revólver, sentou-se à mesa da cozinha, sozinho, e...

Cabum!

O pai também se fartava de andar em farras e desaparecer durante dias seguidos. Nessas alturas, a mãe mostrava-se animadíssima — tornando a ausência do pai ainda mais assustadora — e fingia que ele andava ocupado numa missão secreta, ou então ignorava por completo a sua ausência (longe da vista, longe do coração); quando voltava para casa, por exemplo uma semana depois, o pai entrava pela porta da frente muito bem barbeado, com um grande sorriso na cara e um enorme ramo de rosas para a mãe, e toda a gente fingia que tudo aquilo era perfeitamente normal.

YouAreJustMyType.com. Ela, Kat Donovan, a miúda gira e animada, estava inscrita num *site* de encontros. Ena pá, aquilo é que eram

planos bem traçados! Pegou no copo de vinho, aproximou-o do ecrã do computador como quem faz um brinde, e engoliu um grande gole.

Infelizmente, o mundo já não estava para companheiros de toda a vida. Sexo, sim, era fácil. Aliás, a expectativa era essa, era esse o elefante na sala de qualquer encontro romântico; e, embora ela apreciasse os prazeres da carne, a verdade era que, quando uma pessoa ia depressa demais para a cama com outra, bem ou mal, as hipóteses de se construir uma relação de longo prazo tornavam-se reduzidíssimas. Kat não fazia um juízo moral sobre a questão; era apenas um juízo de facto.

O computador emitiu um sinal de mensagem e apareceu um balão no ecrã:

Temos pessoas que podem agradar-lhe!

Clique aqui para conhecer a pessoa que pode ser ideal para si!

Kat acabou de beber o vinho que tinha no copo e pensou em servir-se de mais um, mas decidiu que já chegava. Olhou para si e tomou consciência de um facto, óbvio mas silenciado: queria ter alguém na sua vida. «E se tivesses a coragem de o reconhecer?» Por muito que se esforçasse por ser independente, Kat queria um homem, um companheiro, alguém que passasse a noite com ela. Não era que fizesse um grande esforço nesse sentido, nem que forçasse as coisas; mas a verdade era que não tinha sido feita para viver sozinha.

Começou a clicar nos perfis que lhe apareciam. Para ganhar é preciso participar, não é?

Que coisa mais patética.

Em relação a alguns deles, bastava dar uma olhadela à fotografia para os eliminar. Havia uma coisa interessante: o retrato que cada um deles tinha escolhido cuidadosamente para se apresentar era de facto a primeira (muito controlada) impressão que davam de si, e era uma impressão muito elucidativa.

Então: um homem que decidisse apresentar-se de chapéu recebia imediatamente um não. Um homem que decidisse apresentar-se sem camisa, por muito musculoso que fosse, recebia imediatamente um não. Um homem que aparecesse de auricular — tipo «eu sou muito importante!» — recebia imediatamente um não. Homens que usassem mosca, ou colete, que piscassem o olho ou fizessem gestos com a mão, que se apresentassem metidos dentro de uma camisola cor de tangerina

(era um preconceito pessoal) ou que equilibrassem os óculos escuros no alto da cabeça eram imediatamente riscados. O mesmo se aplicava a homens que se apresentassem com nomes de perfil como *Garanhão*, *SorrisoSedutor*, *MeninoRico*, *BomparaasMulheres* — já se percebia a tendência.

Kat clicou nuns quantos que lhe pareceram aceitáveis, digamos assim. Mas as descrições eram deprimentes, de tão parecidas: todos adoravam dar passeios à beira-mar, jantar fora, fazer exercício, fazer viagens exóticas, frequentar provas de vinho, ir ao teatro e a museus, ser muito ativos, correr riscos e viver grandes aventuras — mas ao mesmo tempo todos apreciavam imenso ficar em casa a ver um filme e a conversar, cozinhar, ler, usufruir dos prazeres simples da vida. Todos afirmavam que a qualidade mais importante numa mulher era o sentido de humor — «pois, está-se mesmo a ver» —, de tal maneira que Kat começou a perguntar a si própria se «sentido de humor» seria um eufemismo para «mamas grandes». E, como seria de esperar, todos eles apreciavam corpos atléticos, esguios e cheios de curvas.

Esta última apreciação pareceu-lhe mais precisa, embora um tanto irrealista.

Aqueles perfis nunca refletiam a realidade. Pelo contrário, em vez de descreverem aquilo que a pessoa era, apresentavam-se como uma enumeração, maravilhosa mas fútil, daquilo que a pessoa *pensava* que era, ou daquilo que a pessoa queria que um potencial interessado pensasse que ela era. Mas o mais provável era que os perfis refletissem, muito simplesmente (e aqui os psiquiatras podiam arranjar uma data de clientes), aquilo que a pessoa queria ser.

Havia uma série de declarações pessoais, mas, se tivesse de as resumir com uma única palavra, o termo que Kat usaria seria provavelmente *melaço*. O primeiro dizia: «Todas as manhãs, quando acordo, a vida é uma tela vazia à espera de ser pintada» — *clique*. Alguns desejavam que a sua honestidade fosse reconhecida, pelo que repetiam vezes sem conta que eram honestos. Outros fingiam que estavam a ser sinceros. Havia uns quantos que eram pretensiosos, outros gabarolas, ou inseguros, ou carentes. Pensando bem, era como na vida real. Havia quem se tivesse esforçado tanto que o ecrã exalava um fedor a desespero, sob a forma de ondas de água-de-colónia barata. A conversa recorrente sobre a alma gémea dava, na melhor das hipóteses, vontade de passar rapidamente ao perfil seguinte. «Na vida real», pensou Kat, «não conseguimos encontrar ninguém com quem tenhamos vontade de sair

mais do que uma vez, mas estamos convencidos de que neste *site* vamos encontrar a pessoa ao lado de quem queremos acordar até ao fim da nossa vida.»

Tudo aquilo era ilusório — seria porque a esperança é a última a morrer?

O problema era precisamente esse. Era muito fácil ser cínica e fazer troça, mas, quando recuava um passo, Kat tinha consciência de um facto que lhe ia direito ao coração: cada um daqueles perfis era uma vida. Simples, não é verdade? Pois é, mas o certo era que cada um daqueles perfis repletos de *clichés* a pedir amor era um ser humano como ela, uma pessoa com sonhos, aspirações e desejos. Nenhum deles se tinha inscrito no *site*, pagado a inscrição e introduzido a informação ociosamente. Todos aqueles solitários tinham ocorrido àquele *site* — tinham-se inscrito e tinham clicado nos perfis — na esperança de que dessa vez fosse diferente, esperando contra toda a esperança vir a encontrar aquela que acabaria por ser a pessoa mais importante da sua vida.

Bem! Era preciso algum tempo para absorver estas considerações.

Kat deixara-se perder neste género de pensamentos, continuando a clicar nos perfis a uma velocidade cada vez maior e permitindo que as caras daqueles homens — que se tinham inscrito no *site* na esperança de encontrarem a mulher da sua vida — se diluíssem numa mistela de feições, quando descobriu a fotografia dele.

Durante um segundo, talvez dois, o cérebro teve dificuldade em acreditar no que os olhos tinham visto. Levou mais um segundo a parar de clicar no botão do rato e passou outro segundo antes que a sucessão de fotografias se detivesse. Kat endireitou-se e inspirou fundo.

Não podia ser.

Tinha estado a ver perfis a uma velocidade tão grande, pensando nos homens que estavam por trás daquelas fotografias, nas suas vidas, nas suas necessidades, nas suas esperanças, que a sua cabeça — e esta era uma das forças e simultaneamente uma das fraquezas de Kat enquanto polícia — tinha andado a vaguear sem se concentrar propriamente no que tinha diante dos olhos, mas também sem perder de vista o quadro geral. Quando estava ao serviço, essa capacidade permitia-lhe captar todas as possibilidades, as vias de fuga, os cenários alternativos, bem como as figuras que se ocultavam por trás dos obstáculos, dos impedimentos e dos subterfúgios.

Mas também a fazia passar por vezes ao lado do óbvio.

Kat começou a carregar lentamente na seta de recuo.

Não podia ser ele.

A imagem não fora mais que uma centelha. Com aquelas conversas todas sobre o amor verdadeiro, a alma gêmea, a pessoa com quem se quer viver o resto da vida, não era de espantar que a imaginação tivesse levado a melhor sobre ela. Já lá iam dezoito anos. Ela tinha passado várias horas metida no Google, já meio embriagada, a ver se o nome dele aparecia em algum lado, mas só tinha conseguido pescar uns quantos artigos antigos. Não havia nada recente. Isso tinha-a surpreendido, tinha-a picado — Jeff era um excelente jornalista —, mas pouco mais lhe restara fazer. Kat sentira-se tentada a fazer uma investigação mais profunda sobre ele. Ocupando o cargo que ocupava, não lhe custaria muito. Mas não gostava de usar as suas ligações profissionais para resolver situações de natureza pessoal. Até podia ter pedido ajuda a Stacy, mas a verdade era que não adiantaria nada.

Jeff tinha-se ido embora.

Andar atrás de um ex-namorado, nem que fosse no Google, era realmente o cúmulo. Está bem, Jeff tinha sido mais do que isso; muito mais.

Sem pensar no que estava a fazer, Kat levou o polegar ao anelar da mão esquerda; estava vazio. Mas nem sempre estivera. Jeff tinha-a pedido em casamento, e tinha feito tudo como devia ser. Tinha ido pedir a mão dela ao pai, e tinha feito o pedido de joelhos. Não fora uma coisa pirosa: nem escondera o anel numa sobremesa, nem mandara escrever o pedido de casamento na tabela de resultados do Madison Square Garden. Tinha sido uma coisa romântica, tradicional e cheia de classe, porque ele sabia que era exatamente isso que ela apreciava.

Começou a sentir que os olhos se lhe enchiam de lágrimas.

Continuou a carregar na seta de recuo e a passar por uma mistura de caras e cortes de cabelo, uma verdadeira ONU de solteiros disponíveis, até que o dedo se deteve em cima do botão do rato e ela ficou uns momentos quieta a olhar, sustendo a respiração, com receio de se mexer.

Depois, escapou-lhe um pequeno gemido por entre os lábios.

Sentiu a velha pancada no coração com enorme violência. E a profunda facada de dor pareceu-lhe recente, como se Jeff tivesse acabado de sair pela porta naquele momento, naquele segundo, e não há dezoito anos. A mão que aproximou do ecrã para lhe tocar na cara tremia intensamente.

Jeff.

Continuava lindo de morrer. Tinha envelhecido ligeiramente, estava grisalho nas têmporas, mas que bem lhe ficava! Há dezoito anos, Kat não teria tido dificuldade em admitir que Jeff seria um daqueles sujeitos que melhoram com a idade. Fez-lhe uma festa na cara; sentiu uma lágrima a correr-lhe pela face.

«Eh pá», pensou.

Tentou recompor-se, recuar um passo e recuperar um pouco de perspectiva, mas a sala estava a andar à roda a grande velocidade e ela não tinha maneira de a fazer parar. Com a mão ainda a tremer, voltou a poisar o dedo no botão do rato e clicou na fotografia para a aumentar.

O ecrã passou para a página seguinte, onde Jeff aparecia de camisa de flanela e calças de ganga, com as mãos nos bolsos e uns olhos tão azuis que nunca se conseguiria ver os contornos de umas lentes de contacto. Belíssimo. Lindo de morrer. Estava atlético, parecia em forma e de repente, apesar de tudo, ela começou a sentir um movimento dentro de si. Kat arriscou lançar um rápido olhar de esguelha ao quarto. Vivia naquele apartamento quando andava com ele. Depois de ele se ter ido embora, outros homens tinham passado pelo seu quarto, mas nunca nada se tinha aproximado das alturas a que subira com o noivo. Sabia perfeitamente que era uma ideia pirosa, mas a verdade era que Jeff tinha feito cantar todas as partículas do seu corpo. Não era uma questão de técnica, nem de tamanho, nada disso. Era uma questão de confiança — por muito pouco erótico que esse fator pudesse parecer; era isso que transformava o sexo numa experiência incrível. Kat sentira-se segura com ele; sentira-se confiante e bonita, livre e sem medos. Por vezes, ele metia-se com ela, controlava-a, levava a sua avante, mas nunca a fizera sentir-se vulnerável nem embaraçada.

Nunca mais conseguira soltar-se daquela maneira com outro homem.

Engoliu as lágrimas e clicou na ligação que abria para o perfil completo. A declaração dele era curta e perfeita: «Vamos ver o que acontece.»

Sem pressões. Sem planos grandiosos. Sem condições prévias, sem garantias, sem grandes expectativas.

«Vamos ver o que acontece.»

Passou à secção do estado civil. Nos últimos dezoito anos, perguntara a si própria vezes sem conta o que teria sido da vida dele, pelo que a sua primeira pergunta era a mais óbvia: o que se teria passado na vida de Jeff para ele ir parar a um *site* de encontros?

E, já agora, o que se tinha passado na vida dela?

No estado civil encontrou: «Viúvo.»

Outro golpe.

Tentou imaginar Jeff casado com outra mulher, a viver com ela e a ficar viúvo. Mas os dados não entravam. Pelo menos por enquanto. Kat estava a impedir essa entrada. «Tudo bem. Passa adiante. Não vale a pena ficares aí espetada.»

Viúvo.

E por baixo outro baque: «Um filho.»

Não aparecia a idade nem o sexo da criança, mas pouco importava. Cada revelação, cada facto novo relacionado com o homem que ela tinha amado com todo o seu coração fazia balançar novamente o mundo. Ele tinha vivido toda uma vida sem ela. Mas porque é que isso era surpreendente? De que é que ela estava à espera? Tinham acabado de forma repentina e inevitável. Tinha sido ele a ir-se embora, é certo, mas a culpa fora dela. Ele tinha desaparecido num segundo, levando consigo a vida que ela conhecia e que tinha planeado.

E agora ali estava, no meio de uma ou duas centenas de homens de quem Kat tinha visto os perfis.

E a questão que se punha era: o que tencionava ela fazer?

Gerard Remington estava a poucas horas de pedir Vanessa Moreau em casamento quando o seu mundo escureceu.

À semelhança do que acontecia à maior parte das coisas na sua vida, o pedido tinha sido cuidadosamente planeado. Primeiro passo: depois de muito procurar, Gerard tinha comprado um anel de noivado de 2,93 quilates, com corte de princesa, um mínimo de imperfeições, cor F, aro e base de platina. Tinha-o comprado num joalheiro de renome do Bairro dos Diamantes de Manhattan, na West 47th Street; mas, em vez de recorrer a uma loja de grandes dimensões e grandes preços, optara por uma pequena loja perto da esquina com a Sixth Avenue.

Segundo passo: partiriam do Logan Airport, em Boston, no voo 267 da JetBlue, às 7h30 da manhã, aterrando às 11h31 em St. Maarten, onde se meteriam num barquito para Anguilla, chegando à ilha às 12h45.

Terceiro, quarto, etc. passos: descansariam numa moradia de dois andares em Viceroy, com vista para Meads Bay, dariam um mergulho na piscina, fariam amor, tomariam um duche e vestir-se-iam para o jantar no Blanchards. O jantar estava marcado para as 7h00. Gerard tinha telefonado para o restaurante solicitando que preparassem uma garrafa do vinho preferido de Vanessa: *Château Haut-Bailly Grand Cru Classé 2005*, um *bordeaux* de Pessac-Léognan. Depois do jantar, Gerard e Vanessa dariam um passeio pela praia, descalços e de mãos dadas. Ele tinha andado a ver o calendário lunar e sabia que por essa altura a Lua estaria quase cheia. A 198 metros de distância do restaurante (tinha mandado medi-los), havia uma cabana de telhado de colmo que durante o dia era usada para alugar escafandros e esquis aquáticos mas que à noite estava vazia. Uma florista da zona tinha decorado a entrada da cabana com 21 (o número de semanas desde que se tinham conhecido) vasos de jarros (a flor preferida de Vanessa). Também aí estaria um quarteto de cordas que, quando Gerard desse

o sinal, tocaria *Somewhere Only We Know*, a canção de Keane que ele e Vanessa tinham decidido que seria deles para sempre. Depois, e porque ambos apreciavam as tradições, Gerard pôr-se-ia de joelhos — e quase era capaz de ver a reação de Vanessa, que suspenderia a respiração de surpresa, levando as mãos ao rosto com uma expressão de espanto e alegria, os olhos marejados de lágrimas.

«Tu entraste no meu mundo e mudaste-o para sempre», dir-lhe-ia Gerard. «Qual catalisador de espantosa força, pegaste neste bocado de barro comum e transformaste-o numa coisa tão mais potente, tão mais feliz e tão cheia de vida, como eu nunca teria podido imaginar. Amo-te. Amo-te com todo o meu ser. Amo tudo o que tu és. O teu sorriso enche a minha vida de cor e textura. Tu és a mulher mais bela e mais apaixonada do mundo. Queres fazer de mim o homem mais feliz do mundo, casando-te comigo?»

Gerard ainda andava a afinar os pormenores do discurso — queria que lhe saísse mesmo bem — quando o seu mundo escureceu. Mas tudo aquilo era verdade: ele amava Vanessa; amava-a de todo o coração. Nunca tinha sido um grande romântico; as pessoas costumavam desiludi-lo. A ciência, pelo contrário, não o desiludira. Verdade seja dita, sempre se sentira muito satisfeito quando estava sozinho a combater micróbios e organismos, desenvolvendo novos medicamentos e agentes capazes de vencer essas batalhas. Ficava feliz quando tinha de passar dias no seu laboratório da Benesti Pharmaceuticals a tentar descobrir uma equação ou uma fórmula. Costumava trabalhar no quadro a giz, o que levava os colegas mais novos a dizer que, nesse domínio, ele era da velha guarda. Gerard gostava do quadro preto: o cheiro a giz, o pó, o facto de ficar com os dedos sujos, a facilidade com que o apagava ajudavam-no a pensar; porque o facto era que, em ciência, muito poucas coisas são permanentes.

Mas era aí, nesses momentos de solidão, que Gerard se sentia mais satisfeito.

Satisfeito, mas não feliz.

Vanessa tinha sido a primeira coisa que o fizera feliz na vida.

Abriu os olhos e pensou nela. Com Vanessa, todas as coisas eram elevadas à décima potência. Mulher alguma o tinha tocado mentalmente, emocionalmente — e, claro, fisicamente — como Vanessa. E ele sabia que nenhuma mulher voltaria a fazê-lo nunca mais.

Abriu os olhos, mas a escuridão permaneceu. Inicialmente, perguntou a si próprio se ainda estaria em casa, mas estava frio demais; em

casa, tinha o termóstato digital sempre nos 21,9 °C. Vanessa metia-se muitas vezes com ele por causa daquela precisão. Ao longo da sua vida, várias pessoas tinham considerado que a sua necessidade de ordem era quase uma obsessão, mas Vanessa tinha compreendido. Para ela, era uma vantagem e um bónus.

— É isso que faz de ti um grande cientista e um homem carinhoso — dissera-lhe certa vez. E explicara-lhe a sua teoria: as pessoas que atualmente estão dentro do espetro do autismo eram, no passado, génios das artes, da ciência e da literatura; hoje em dia, porém, com os diagnósticos e a medicação, neutralizamo-las, tornando-as mais uniformes. — A genialidade tem origem no invulgar — explicara-lhe Vanessa.

— E eu sou invulgar?

— No melhor sentido, meu querido.

Porém, ao mesmo tempo que sentia o coração inchar com aquela recordação, Gerard foi incapaz de deixar de reparar naquele cheiro. Cheirava a uma coisa húmida, velha e bolorenta, que parecia...

Que parecia sujidade. Que parecia terra molhada.

De repente, sentiu-se tomado pelo pânico. Mergulhado naquela escuridão, tentou levar as mãos à cara, mas não conseguiu. Tinha qualquer coisa a amarrar-lhe os pulsos. Dava a sensação de ser uma corda, ou então — não, era uma coisa mais fina, um fio elétrico talvez. Tentou mexer as pernas; estavam presas. Contraíu os músculos do estômago e tentou balançar as duas pernas no ar; as pernas tocaram numa coisa de madeira, mesmo por cima dele, como se estivesse em...

Sentiu o corpo espremeir de medo.

Onde estava ele? Onde estava Vanessa?

— Está aí alguém? — gritou. — Alguém me ouve?

Gerard tentou sentar-se, mas também tinha uma correia à volta do peito. Não podia mexer-se. Esperou que os olhos se habituassem à escuridão, mas o processo estava a levar tempo demais.

— Está aí alguém? Ajudem-me, por favor!

Então ouviu um ruído. Mesmo por cima dele. Parecia alguém a raspar ou a rastejar, ou...

Seriam passos?

Passos mesmo por cima dele.

Gerard pensou na escuridão. Pensou no cheiro a terra molhada. E de repente a solução tornou-se-lhe óbvia, mas não fazia sentido nenhum.

«Estou enterrado», pensou. «Estou enterrado.»

E começou a gritar.

Mais do que ter propriamente dormido, Kat tinha perdido os sentidos.

Tal como acontecia todos os dias da semana, o alarme do *iPod* despertou-a às 6h00 com uma das suas canções preferidas, escolhida ao acaso — dessa vez foi «Bulletproof Weeks», de Matt Nathanson. Não lhe tinha escapado que estava a dormir na mesma cama em que, há quase vinte anos, dormia com Jeff. E o quarto continuava apainelado de madeira escura. O anterior proprietário daquele apartamento de 55 metros quadrados fora um violinista da Orquestra Filarmónica de Nova Iorque, que tinha decidido decorá-lo como se fosse o interior de um barco antigo: eram tudo madeiras escuras com vigias no lugar das janelas. Ela e Jeff fartavam-se de brincar com o assunto, trocando piadas estúpidas e de duplo sentido sobre os balanços do barco, naufrágios e jangadas, o que lhes passasse pela cabeça.

O amor confere um tom pungente ao que de outra maneira seria piroso.

— Esta casa não tem mesmo nada a ver contigo — dizia Jeff.

É que a sua noiva universitária lhe parecia sempre muito mais luminosa e alegre que aquele ambiente; agora, porém, dezoito anos passados, qualquer pessoa que ali entrasse consideraria que a casa se adequava perfeitamente a Kat. Pois, como se costuma dizer que os esposos começam a parecer-se um com o outro à medida que os anos vão passando, assim também ela tinha começado a parecer-se com aquele apartamento.

Kat considerou a possibilidade de se deixar ficar mais um bocadinho na cama, mas a verdade era que tinha uma aula dentro de 15 minutos. E o seu instrutor, um travesti anão chamado Aqua que sofria de esquizofrenia, só aceitava desculpas realmente importantes para as faltas. Além disso, era provável que encontrasse Stacy na aula, e Kat queria

contar-lhe o que descobrira sobre Jeff. Vestiu as calças do ioga e uma blusa larga, agarrou numa garrafa de água e avançou para a porta. Ao passar, olhou de relance para o ecrã do computador.

Ah, que mal tinha dar uma olhadela rápida?

A página de acolhimento de YouAreJustMyType.com ainda estava aberta, embora não no seu próprio perfil, a que deixara de ter acesso por falta de atividade nas últimas duas horas. O *site* anunciava uma «excelente oferta de apresentação» para os «recém-chegados» (não se percebia como é que uma oferta de apresentação podia ser destinada aos antigos utilizadores): um mês de acesso ilimitado (o que seria isso?) por apenas 5,74 dólares, «discretamente debitados» (o quê?) no seu cartão de crédito. Felizmente para Kat, Stacy já lhe tinha comprado um ano inteiro. Viva!

Voltou a introduzir o seu nome e a sua palavra-passe nos campos correspondentes e carregou na tecla de entrada. Tinha uma série de mensagens de vários homens, que ignorou. Foi à página de Jeff, que tinha obviamente selecionado, clicou no botão RESPONDER, e ficou parada, com os dedos em cima das teclas.

O que havia de dizer?

Nada. Pelo menos por enquanto. «Pensa bem no assunto.» O tempo estava a passar. A aula estava quase a começar. Kat abanou a cabeça e avançou para a porta da rua. Como fazia todas as segundas, quartas e sextas-feiras de manhã, dirigiu-se a correr para a 72nd Street e entrou no Central Park. O presidente da câmara de Strawberry Fields, um artista de rua que vivia das gorjetas dos turistas, já estava a dispor as suas flores sobre os ladrilhos do monumento ao *Imagine* de John Lennon. O homem fazia aquilo quase todos os dias, mas era raro chegar tão cedo.

— Olá, Kat — disse-lhe, estendendo-lhe uma rosa.

— Boas, Gary — respondeu ela, aceitando a flor.

Passou a correr em frente do terraço superior da Bethesda. O lago estava calmo — ainda não se viam os habituais barquinhos —, mas a água que brotava da fonte parecia uma cortina de pérolas. Kat meteu-se pelo caminho da esquerda, indo desembocar ao lado da gigantesca estátua de Hans Christian Andersen. Tyrell e Billy, os dois sem-abrigo que ocupavam esse local durante a manhã (se é que eram mesmo sem-abrigo; Kat achava que eles viviam no San Remo e que de sem-abrigo tinham apenas a indumentária), já lá estavam, a jogar às cartas.

— Esse rabo está com bom aspeto, miúda — comentou Tyrell.

— O teu também — replicou Kat.

Tyrell adorou a resposta. Levantou-se, abanou as ancas em jeito de dança e fez um dá-cá-mais-cinco a Billy, deixando cair as cartas ao chão. Billy começou a ralar com ele.

— Apanha-me isso! — gritou-lhe.

— Calma aí, pá! — replicou Tyrell. — Tens aula? — perguntou depois, voltando-se para Kat.

— Iá. Quantas pessoas?

— Oito.

— A Stacy já passou por aqui?

À simples menção daquele nome, os dois homens tiraram o chapéu da cabeça num gesto de respeito.

— Deus tenha piedade de nós — murmurou Billy.

Kat franziu o sobrolho.

— Ainda não — respondeu Tyrell.

Kat seguiu pela direita e contornou o Conservatory Water, onde nessa manhã decorria uma corrida de modelos de embarcações. Atrás da Kerbs Boathouse, foi encontrar Aqua, sentado de pernas cruzadas. Tinha os olhos fechados. Aqua, filho de pai negro e mãe judia, gostava de dizer que tinha a pele cor de café moca com uma pontinha de natas batidas. Era baixo, de corpo flexível, e nesse momento estava sentado num estado de total imobilidade que em nada fazia lembrar o miúdo frenético de quem ela se fizera amiga muitos anos antes.

— Estás atrasada — disse ele sem abrir os olhos.

— Como é que tu consegues fazer isso?

— O quê? Ver com os olhos fechados?

— Exato.

— É um segredo de mestre de ioga — respondeu ele. — Chama-se espreitar por entre as pestanas. Senta-te.

Ela sentou-se. Um minuto depois Stacy juntou-se ao grupo. Aqua não ralhou com ela. Anteriormente, dava as suas aulas no relvado grande. Mas, quando Stacy se juntou ao grupo e começou a fazer demonstrações da sua flexibilidade, apareceu de repente uma série de homens interessados em ioga ao ar livre. Aqua não gostou da ideia, pelo que decidiu que aquela aula matutina seria exclusivamente para mulheres e dada naquele esconderijo, por trás da casa dos barcos. Stacy tinha «lugar reservado» ao pé da parede, de maneira a ficar fora do ângulo de visão de quaisquer eventuais curiosos.

Aqua começou por uma sequência de *asanas*. Todas as manhãs, quer chovesse, quer houvesse sol, quer nevasse, dava a sua aula naquele local. Não cobrava um valor específico: cada aluno dava o que lhe parecesse justo. E era um mestre fantástico — instrutivo, simpático, motivador, sincero, divertido. Corrigia as posturas dos alunos com toques mínimos, mas que faziam mexer tudo no corpo.

Kat costumava desvanecer-se nas posturas. O corpo trabalhava intensamente, a respiração abrandava, o espírito rendia-se. Na sua vida diária, Kat bebia, fumava um ou outro cigarro, comia mal. O trabalho era muitas vezes uma fonte de toxinas puras. Mas tudo isso era geralmente libertado naquelas sessões, sob a voz suave de Aqua.

Porém, naquele dia não.

Tentou deixar-se ir, tentou concentrar-se no momento e lembrar-se de todos os disparates que deixavam de parecer disparates quando saíam da boca de Aqua, mas a cara de Jeff — a que ela tinha conhecido e a que acabara de ver — não lhe saía da memória. Aqua percebeu que ela estava distraída e olhou para ela com atenção, levando mais algum tempo a corrigir-lhe as posturas; mas não fez comentários.

No final da aula, quando as alunas estavam a descansar na «postura do cadáver», Aqua sujeitava-as ao seu derradeiro feitiço de relaxamento, obrigando todas e cada uma das partes do corpo a renderem-se. Depois desejava-lhes um dia especial e abençoado. Elas deixavam-se ficar ali deitadas mais uns momentos, inspirando profundamente e sentindo um formigueiro nas pontas dos dedos. Depois, começavam a abrir lentamente os olhos — era o que Kat estava a fazer —, mas nessa altura Aqua já tinha desaparecido.

Kat voltou lentamente à vida, e o mesmo fizeram as outras alunas; depois enrolaram os colchões em silêncio, quase como se não conseguissem falar. Stacy foi ter com ela e andaram lado a lado uns minutos, passando em frente do Conservatory Water.

— Lembras-te daquele tipo com quem eu estava mais ou menos a andar? — perguntou Stacy.

— O Patrick?

— Isso mesmo.

— Parecia mesmo querido — comentou Kat.

— Pois parecia, mas tive de lhe pôr uns patins. Descobri que ele fazia uma coisa horrível.

— O quê?

— Ciclismo de ginásio — respondeu Stacy.

Kat revirou os olhos.

— Ouve lá, Kat: o sujeito faz ciclismo de ginásio. Qualquer dia está a fazer Kegels, não?

Era divertido andar na rua ao lado de Stacy. Com o tempo, deixava-se de reparar nos olhares fixos e nos assobios. Não era que ficasse ofendida, ou que fizesse por ignorá-los; simplesmente, eles deixavam de existir. A coisa mais parecida com andar camuflada que Kat conhecia era andar na rua ao lado de Stacy.

— Kat.

— O que foi?

— Vais-me dizer o que se passa?

Um sujeito enorme, com músculos de ginásio — daqueles em que as veias ficam visíveis — e o cabelo cheio de gel parou diante de Stacy e, olhando-lhe ostensivamente para o peito, largou:

— Uau, mas que prateleira!

Stacy também parou e, olhando para as zonas baixas do homem, comentou:

— Uau, mas que pilinha tão pequena!

Recomeçaram as duas a andar. Pronto, está bem, não deixavam de existir por completo. Stacy reagia conforme a abordagem que lhe faziam. Odiava o estilo garanhão e os assobios dos lobos — ou seja, os malcriados. Mas, quando se tratava de indivíduos tímidos, que se limitavam a apreciar aquilo que estavam a ver, Stacy correspondia-lhes. Chegava mesmo a sorrir e a acenar, qual celebridade que dava aos outros um pouco de si própria porque esse era um pormenor que os tornava felizes.

— Fui ao tal *site* a noite passada — começou Kat.

— Já? — retorquiu Stacy com um sorriso.

— Pois.

— Uau. Foste rápida. E combinaste alguma coisa com alguém?

— Não propriamente.

— Então o que é que aconteceu?

— Vi o meu antigo noivo.

Stacy deteve-se a meia passada, de olhos esbugalhados.

— O quê?

— Chama-se Jeff Raynes.

— Espera aí. Tu estiveste noiva?

— Foi há muitos anos.

— Mas estiveste mesmo noiva? Tipo com anel e tudo?

— Porque é que ficas assim tão admirada?
— Não sei. Ouve, há quanto tempo é que nós somos amigas?
— Há dez anos.
— Exato, e nesses dez anos tu nunca estiveste nem pouco mais ou menos perto de te apaixonares.

Kat encolheu ao de leve os ombros.

— Nessa altura tinha vinte e dois.
— Estou sem palavras — replicou Stacy. — Tu, noiva!
— Não te importas de avançar com a conversa?
— Ok, está bem, desculpa. E ontem à noite viste-o naquele *site*.
— Exato.
— O que é que disseste?
— O que é que disse a quê?
— A quem — corrigiu Stacy.
— O quê?
— Disse a *quem*, não a *quê*.
— Só lamento não ter trazido a pistola — comentou Kat.
— O que é que escreveste ao tal Jeff?
— Não escrevi.
— Como?
— Não lhe escrevi nada.
— Mas porquê?
— Ele deixou-me.
— Um noivo — repetiu Stacy, abanando a cabeça. — E não me tinhas contado nada. Tenho a sensação de que andei a ser enganada.
— Enganada como?
— Não sei explicar. Ouve, sempre pensei que em termos de amor eras uma cínica, como eu.

Kat continuou a caminhar.

— E como é que achas que me tornei cínica?

— *Touchée*.

Conseguiram arranjar mesa no Le Pain Quotidien, dentro do Central Park, perto da West 69th Street, e pediram dois cafés.

— Lamento imenso — disse Tracy.

Kat fez-lhe um gesto com a mão, como quem diz que não tem importância.

— Inscrevi-te naquele *site* para ver se te arranjava um namorado de passagem. Achei que estavas mesmo a precisar de um namoro ligeiro. Bem, tu e toda a gente, claro.

— Bela desculpa — comentou Kat.

— Não era minha intenção conjurar memórias desagradáveis.

— Não tem importância.

Stacy continuava a olhá-la com ar desconfiado.

— Queres falar sobre isso? Claro que queres. E eu estou cheia de curiosidade. Conta-me tudo.

E Kat contou-lhe tudo: que se tinham conhecido na faculdade, que se tinham apaixonado, que ela tinha a sensação de que era para sempre, que com ele tudo lhe parecia muito fácil e perfeitamente adequado, que ele a tinha pedido em casamento, que tudo tinha mudado quando o pai dela fora assassinado, que ela se tinha tornado cada vez mais distante, que Jeff tinha acabado por se ir embora, e que ela não tinha tido força, ou se calhar humildade suficiente, para ir atrás dele.

Terminado o relato, Stacy comentou:

— Uau!

Kat deu um golinho no café.

— E agora, quase vinte anos depois, dás de caras com o teu noivo num *site* de encontros!

— Exato.

— Disponível?

— São quase todos — respondeu Kat, franzindo o sobrolho.

— Pois. Claro. E qual é a situação dele? Está divorciado? Passou estes anos todos com saudades, como tu?

— Eu não tenho saudades — protestou Kat. — É viúvo — acrescentou depois.

— Uau!

— Para de dizer isso: «Uau!» Parece que tens sete anos!

Stacy ignorou a exclamação.

— Ele chama-se Jeff, não é?

— Exato.

— E, quando o Jeff se foi embora, tu estavas apaixonada por ele? Kat engoliu em seco.

— Claro.

— E achas que ele ainda estava apaixonado por ti?

— Aparentemente já não estava.

— Para com isso. Pensa na pergunta. Esquece que ele te deixou.

— Pois, mas isso é um bocado difícil. Cá para mim, os atos falam mais alto que as palavras.

Stacy inclinou-se sobre a mesa.

— Poucas pessoas conhecem melhor o outro lado do amor e do casamento do que esta tua amiga. Concordas comigo, não concordas?

— Concordo.

— Aprende-se muito sobre o casamento quando se tem uma atividade profissional que consiste, de certa maneira, em acabar com o dos outros. Mas a verdade é que quase todas as relações têm pontos de rutura. Todas as relações têm rachas e fissuras. O que não quer dizer que sejam más, ou sem sentido. Nós sabemos perfeitamente que na nossa vida todas as coisas são complexas e com vários tons de cinzento; mas, por qualquer razão, temos a expectativa de que as nossas relações sejam sempre simples e puras.

— Tens toda a razão — respondeu Kat —, mas não estou a perceber onde queres chegar.

Stacy inclinou-se mais.

— Quando tu e o Jeff acabaram, ele ainda gostava de ti? Não me venhas com a conversa de que os atos falam mais alto que as palavras. Ele ainda gostava de ti?

Foi então que, sem pensar propriamente no assunto, Kat respondeu:

— Gostava.

Stacy ficou a olhá-la sem se mexer.

— Kat.

— O que foi?

— Estás farta de saber que eu não tenho nenhuma sensibilidade religiosa, mas tenho uma forte sensação de que isto é, sei lá, o destino, ou *kismet*, ou sei lá o quê!

Kat bebeu mais um gole de café.

— Tu e o Jeff estão ambos sozinhos, são ambos livres, e ambos passaram por muita coisa.

— Somos sofridos... — comentou Kat.

Stacy ficou a pensar por uns momentos.

— Não, não é bem isso. Bem, sim, isso também é um aspeto, claro. Mas eu diria mais que são realistas.

Stacy sorriu e desviou o olhar.

— Ouve!

— O quê?

Stacy voltou a olhar para ela sem tirar o sorriso dos lábios.

— E se isto fosse um conto de fadas? Já viste?

Kat não replicou.

— Mas para melhor. Tu e o Jeff davam-se bem, não davam?

Kat continuou sem replicar.

— Não estás a ver? Desta vez, vocês podem avançar ambos de olhos abertos. Pode ser um conto de fadas, só que realista. Como quando a pessoa percebe as fissuras e as rachas e avança com bagagem, e experiência, e expectativas honestas. Com capacidade para apreciar aquilo que ambos perderam há vinte anos. Kat, ouve o que eu te digo.

— Stacy estendeu a mão e agarrou a de Kat. Desta vez, tinha lágrimas nos olhos. — Isto pode ser uma coisa mesmo muito boa.

Kat continuou sem dizer nada. Tinha medo de que a voz lhe tremesse. Não queria permitir-se sequer pensar no assunto. Mas percebia. Percebia perfeitamente o que Stacy estava a dizer.

— Kat.

— Quando chegar a casa, mando-lhe uma mensagem.